

Só a voz de D. Risoleta consegue deter a multidão

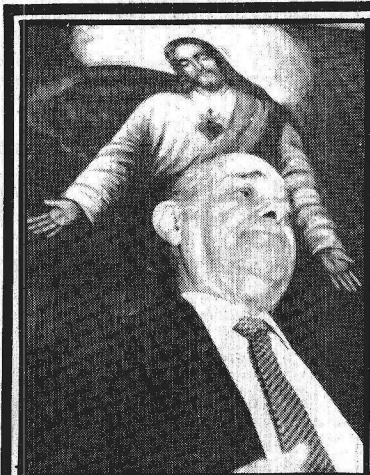
BELO HORIZONTE — Com um emocionante apelo à multidão que cercou ontem à tarde o Palácio da Liberdade, dona Risoleta Neves impediu que a visitação pública ao corpo de Tancredo se transformasse em uma tragédia sem precedentes. Ainda assim quatro pessoas morreram pisoteadas. Quando a multidão já havia arrombado os portões de ferro e a rede humana dos policiais começava a ceder, ela conseguiu, com sentimento e firmeza — lembrando o tom arrebatador e intimista de antigos discursos do marido — evitar uma invasão do Palácio de consequências imprevisíveis:

— Mineiros, mineiros, minha gente, meu povo querido: eu amo vocês — foi sua saudação, da mesma sacada de onde Tancredo falou várias vezes aos seus cidadãos. Seguiram-se 11 minutos de improviso, no qual, até mesmo quando sua voz lhe faltou, a resposta da multidão era invariavelmente um misto de carinho e admiração.

— Risoleta, Risoleta, Risoleta — devolvia, em coro.

D. Risoleta não programara, na verdade, nenhum contato com a população. Ela chegou ao Palácio da Liberdade às 15h15m — foi anunciada pelo locutor oficial como “a dama de ferro do Brasil” — com aparência cansada e desanimada, vestindo trajes pretos e abraçada a um ramo de rosas vermelhas. Foi amparada na subida da escadaria e agradecida com discretos acenos à ovAÇÃO que recebia.

Praticamente não permaneceu no saguão onde o caixão de Tancredo ficou em câmara ardente. Foi logo para a parte superior do Palácio, no pavimento nobre, onde havia uma ala reservada para a família, autoridades e assessores mais próximos. Lá ficaram, por exemplo, os Ministros Francisco Dornelles — sobrinho de Tancredo —, Aureliano Chaves, José Hugo Castelo Branco e José Aparecido, o Secretário de Imprensa da Presidência, Antônio Brito, os Governadores Hélio Garcia, Franco Montoro e Gerson Camata, os filhos de Tancredo, Tancredo Augusto, Inês Maria e Maria do Carmo e os netos Aécio e Andréa — ambos chorando



★1910 + 1985

muito — além do Frei Beto, entre outros poucos convidados.

No momento que o locutor anunciou que a bandeira nacional era retirada de cima do esquife presidencial, às 15h33m, a multidão descontrolou-se. Primeiro derribou os gradiis que cercavam a alameda da travessia e, em fração de segundos, comprimiu-se contra o enorme portão do Palácio. A fileira de policiais foi triplicada do lado de dentro — do todo eram mil policiais militares — mas a situação era visivelmente incontrolável. A invasão era questão de tempo.

O Governador Montoro apareceu na sacada, acenando como quem pede calma. Foi aplaudido, mas a multidão não recuou. Num esforço desesperado, o locutor puxou o Hino Nacional, fazendo até com que o jornalista Antônio Brito o acompanhasse, desafinado. A medida não surtiu efeito e milhares de pessoas continuavam forçando caminho para dentro do Palácio, arrombando, às 15h47m, o portão principal.

Transtornado, o Governador Hélio Garcia surgiu na escadaria e fez um apelo aos mineiros, “em nome de Tancredo Neves”:

— Peço ordem, em nome de Tancredo — repetia, inutilmente, sendo retirado por assessores, convencidos de que a invasão era inevitável.

Instantes depois, quando os policiais começaram a recuar rapidamente e o clima dentro do Palácio já era de pânico entre os convidados, D. Risoleta Neves subiu à sacada, anunciada por Montoro. A citação do seu nome, a multidão imediatamente parou:

— Meus amigos, meus irmãos, meus queridos mineiros, minha gente. Vocês viram o amor inteiro dele e espero que continuem devotando esse mesmo amor a todas as suas idéias, a todo o seu trabalho, para que possamos ter, em breve, um Brasil melhor. Assim, eu pediria a vocês: eu sei que cada um está ansioso para diante do seu ataúde, dar... (começa a chorar).

A multidão, emocionada, aplaudiu em reconhecimento à sua dor.

— Peço que tenham paciência e venham calmamente para que ele tenha lá a alegria de sentir cada um da sua gente acariciando-o, rezando por ele, chorando por ele e dizendo: “Tancredo, nós acreditamos em você” — prosseguiu.

Enquanto ela falava, um esforço para vencer o choro, os policiais puderam, sem violência, fazer voltar, aos poucos, a pequena multidão que ocupava o pátio do Palácio.

D. Risoleta ainda levaria os populares ao delírio, ao lembrar que 21 de abril, data da morte de Tancredo, é a data de “outro mártir, o mártir da liberdade, outro mineiro”. Às 16 horas, ainda durante o seu discurso, os portões laterais foram finalmente abertos e a visitação pública começou lentamente. Mas D. Risoleta não deixou o microfone até cinco minutos depois, quando o risco de invasão do prédio — que certamente deixaria algumas dezenas de vítimas — foi superado. Amparada, ela deixou então a sacada, acenando para a multidão.